



## O QUE PODE A LITERATURA: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA DE CLÁSSICOS NA ESCOLA PARA A FORMAÇÃO DA PESSOA SOB A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES

*WHAT LITERATURE CAN DO: THE IMPORTANCE OF LITERARY READING OF CLASSICS AT SCHOOL FOR THE FORMATION OF THE PERSON FROM THE PERSPECTIVE OF TEACHERS*

Vitória Scherer Schmidt  <https://orcid.org/0009-0000-6925-4947>  
Universidade do Vale do Taquari  
vitoriasschmidt@gmail.com

Rosiene Almeida Souza Haetinger  <https://orcid.org/0000-0003-0017-4775>  
Universidade do Vale do Taquari  
rosiene@univates.br

DOI: [https:// 10.5281/zenodo. 18227689](https://10.5281/zenodo.18227689)

Recebido em 20 de março de 2025

Aceito em 17 de abril de 2025

**Resumo:** O presente trabalho aborda a perspectiva de professores de literatura do Ensino Médio de uma cidade do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul/Brasil, a respeito da importância da leitura literária de clássicos na escola à formação da pessoa. O trabalho se configura numa abordagem qualitativa (Leopardi, 2002), cujos dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com sete professores de literatura do Ensino Médio. O desenvolvimento do trabalho contempla os teóricos literários que versam sobre o assunto e documentos educacionais legais em diálogo com as respostas dos professores entrevistados. “Clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2023, p. 17), tendo um valor cultural muito grande e sendo importantes porque, ao lê-los, compreende-se melhor a si (Todorov, 2021). A partir dessa perspectiva, o presente trabalho ressalta a importância da escola no acesso ao clássico, dado que ela é um “espaço privilegiado” (Zilberman, 2003, p. 16) responsável por apresentar a cultura da literatura aos estudantes. Ainda, apesar de todos os professores compreenderem a importância do clássico à formação pessoal e trabalharem com ele, há alguns elementos que podem acometer um trabalho efetivo com a literatura, estes expostos nas considerações finais.

**Palavras-chave:** Literatura clássica. Formação pessoal. Professores. Ensino Médio.

**Abstract:** The present work addresses the perspective of high school literature teachers from a city in Vale do Taquari, in Rio Grande do Sul/Brasil, regarding the importance of reading classics at school for the formation of a person. This research takes a qualitative approach (Leopardi, 2002), whose data were collected from semi-structured interviews with seven high school literature teachers. The research development includes literary theorists who deal with the subject, and includes legal educational documents, in dialogue with the answers of the interviewed teachers. “Classic is a book that has never finished saying what it has to say” (Calvino, 2023, p. 17), because it has a very great cultural value, being important because, when reading, you understand yourself better (Todorov, 2021). From this perspective, the present work highlights the importance of school in accessing the classics, since it is a “privilege space” (Zilberman, 2003, p. 16) responsible for presenting the literary culture for the students. Furthermore, although all the teachers understand the importance of the classics for personal formation and work with it, there are some elements that can affect an effective work with literature, these are set out in the final considerations.

**Keywords:** Classic literature. Personal formation. Teachers. High School.

## 1 Introdução

Em 1873, quando John Stuart Mill publica sua *Autobiografia*, um importante relato acerca da sua juventude é destacado no livro: a depressão que o condenou no início de seus vinte anos de idade. Conduzida por picos de emoções, a doença não o deixou tão cedo, e as crises o atormentavam. No entanto, um recurso em particular o ajudou a dar seguimento em sua vida: um livro de poemas do escritor William Wordsworth. Ele conta: “Os poemas de Wordsworth foram um bom remédio por me darem a ver não a beleza exterior, mas as ideias e os sentimentos coloridos pela ação do belo na natureza” (Mill, 2018, p. 177).

Quase cem anos depois, Jean-Paul Sartre, em sua também autobiografia intitulada *As Palavras* (1964), relata como se tornou um leitor e um apaixonado por literatura. Na obra, apesar de Sartre não deixar explícito, é notável que o meio em que cresceu colaborou para a sua entrada no mundo da leitura e, consequentemente, da literatura: seu avô era amigo de um editor e um dia conseguiu de presente uma cópia de *Les Contes*<sup>1</sup>, do poeta Maurice Bouchor. Porque não sabia ler, Sartre entregou à sua mãe, que realizou a leitura em voz alta. Mas isso não era o suficiente, queria se apropriar daquelas palavras, queria lê-las. Então, pegou um livro e passou seus olhos pelas letras até que, finalmente, o livro acabou e ele sabia ler:

Fiquei louco de alegria, eram minhas aquelas vozes secas em seus pequenos herbários [...] Eu iria escutá-las, encher-me-ia de discursos cerimoniosos e saberia tudo [...]. Deixavam-me vagabundear pela biblioteca e eu assaltava a sabedoria humana. Foi ela quem me fez (Sartre, 2018, p. 35).

Ambos os trechos são bons exemplos do impacto da literatura na vida de uma pessoa, especialmente em sua formação particular. Partindo dessa premissa, o presente trabalho aborda a relevância da leitura literária dos clássicos na escola, porque esta se constitui como um “espaço privilegiado” (Zilberman, 2003, p. 16), bem como afirma Andruetto (2017, p. 13 *apud* Souto, 2021, p. 13) quando diz que a escola é para muitas crianças e jovens o único lugar onde se pode ter o contato com a cultura literária, tendo em vista que o acesso à literatura não chega às casas de parte significativa das pessoas, principalmente de países com consideráveis problemas socioeconômicos, como o Brasil.

Nesse sentido, também é preciso mencionar as diretrizes do ensino de literatura no Ensino Médio no contexto brasileiro<sup>2</sup> através do que promulga a Base Nacional Comum Curricular — BNCC (2018), que abarca o contexto nacional, e o Referencial Curricular Gaúcho — RCG (2020)<sup>3</sup> que mostra a visão regional acerca do ensino da literatura, este último se utilizando bastante do primeiro para compor seu documento. É importante destacar que a BNCC do Ensino Médio não define a literatura como uma disciplina, mas sim como um campo pertencente a outros, como, por exemplo, a Língua Portuguesa, esta sendo vinculada à grande área das *Linguagens e suas Tecnologias*. Já o RCG coloca a literatura como um componente, igualmente aos outros pertencentes à grande área mencionada, como a Arte, Educação Física, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Língua Portuguesa.

---

<sup>1</sup> Livro com histórias extraídas do folclore, adaptadas para crianças.

<sup>2</sup> Dos dois documentos educacionais mencionados neste trabalho, será retratado apenas o que consta acerca do ensino de Literatura no Ensino Médio, porque este é o foco desta pesquisa.

<sup>3</sup> Ao longo deste trabalho, quando forem mencionados estes dois documentos, serão postas suas siglas correspondentes, a saber: BNCC e RCG, com o intuito de a escrita não se estender.

Aliás, a BNCC e o RCG sinalizam as literaturas que devem ser trabalhadas em sala de aula, a saber, a literatura brasileira e suas referências ocidentais, com foco na portuguesa, obras da literatura contemporânea, a literatura indígena, africana e latino-americana (Brasil, 2018, p. 492), além do acréscimo dado pelo RCG à literatura gaúcha (Rio Grande do Sul, 2020, p. 162). É no campo artístico-literário que a literatura clássica aparece com mais ênfase, quando o documento apresenta as diversas variantes que devem compor o ensino da literatura, indo desde o entendimento de que uma obra literária pode compor críticas culturais, sociais e políticas, até a proposta de “ampliar o repertório de clássicos brasileiros e estrangeiros com obras mais complexas que representem desafio para os estudantes do ponto de vista dos códigos linguísticos, éticos e estéticos” (Brasil, 2018, p. 514). Ainda, contempla a importância da compreensão desses textos a partir da sociedade e cultura que os produziram.

Muitos conhecem clássicos nacionais e estrangeiros porque professores da educação básica foram responsáveis pela sua apresentação. Posto isso, para compor os estudos, elegeu-se o problema de pesquisa: “Qual a importância da leitura literária de clássicos na escola para a formação da pessoa sob a perspectiva dos professores?”. Nesse sentido, o objetivo principal do trabalho é captar a percepção dos professores de literatura do Ensino Médio de uma cidade do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul/Brasil, acerca de como a leitura da literatura clássica pode colaborar para a formação pessoal dos indivíduos.

O tema selecionado se justifica pela preocupação em relação ao modo como a literatura clássica tem sido vista, isto é, como proveniente da matéria da erudição, assim como disserta Colomer: “[...] em tantas regiões pouco alfabetizadas, a literatura foi vista como um luxo supérfluo, algo próprio das elites sociais e abissalmente distanciado das necessidades da maioria da população” (Colomer, 2007, p. 35). A preocupação segue em relação ao modo como essa visão turva de uma literatura da alta sociedade tem influenciado no desgosto das pessoas por ela, e como isso pode ocasionar o desprazer de sua leitura e estudo em sala de aula. Da mesma forma, Tzvetan Todorov, no livro *A Literatura em Perigo* (2007), retrata sua preocupação sobre os caminhos pelos quais a literatura vem se estruturando, especialmente em relação ao seu ensino.

Partindo para a metodologia de pesquisa, esta se configurou numa abordagem qualitativa (Leopardi, 2002), fazendo uso de informações individuais, subjetivas, a partir de “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real” (Yin, 2005, p. 24). Dada a escolha da abordagem e do tipo de pesquisa, os dados foram gerados através de uma entrevista semiestruturada realizada com sete<sup>4</sup> professores de Literatura do Ensino Médio de uma cidade do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul/Brasil — sendo cada professor de uma instituição diferente —, de modo que na presente pesquisa foi mantido o anonimato dos entrevistados, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por eles. As entrevistas, realizadas ao longo do mês de setembro de 2024, contemplaram cinco perguntas, cujas respostas foram utilizadas para constituir esta pesquisa.

Nas próximas seções será abordado o desenvolvimento desse estudo, cujos temas são: *O que é um clássico*; *Os clássicos e a formação da pessoa: considerações teóricas e visão dos professores*; *O valor e o acesso aos clássicos*; *A importância da leitura dos clássicos durante o Ensino Médio* e *O papel da escola para a formação de leitores de literatura clássica*. As considerações finais, que encerram o trabalho, são

<sup>4</sup> Optou-se por entrevistar um professor de literatura do Ensino Médio de cada escola de uma cidade do interior do Vale do Taquari/RS. No entanto, apesar de a cidade ter nove escolas, o que resultaria em nove entrevistas, uma professora não teve disponibilidade para participar e outra trabalha em duas escolas, o que resultou na realização de sete entrevistas.

compostas pelas percepções da pesquisadora sobre o tema, bem como os comentários dos professores, objetivando responder à pergunta central: “Qual a importância da leitura literária de clássicos na escola para a formação da pessoa sob a perspectiva dos professores?”, que foi disparadora à realização desta pesquisa.

## 2 O que é um clássico?

A palavra *clássico* vem do latim *classicus*, sendo um adjetivo que é “relativo à arte, à cultura dos antigos gregos e romanos” (Cunha, 2019, p. 155). Porém, estes últimos são os que começam a utilizá-la, chamando-a *classici*, o que alude a “não todos os cidadãos das diversas classes, mas apenas os da primeira, que possuíam pelo menos um rendimento de certo montante” (Sainte-Beuve, 2013, p. 343). Por outro lado, a ideia remete ao século XVII, quando designava o que poderia servir de modelo, no sentido de imitação, porque exerce certa autoridade. No fim desse mesmo século, passou a designar o que era ensinado em sala de aula e, em seguida, no século XVIII, compôs o que Cunha (2019), mencionado acima, trouxe, isto é, algo remetente à Antiguidade greco-romana. Porém, é só no século XIX que serão indicados os grandes escritores (Compagnon, 2014, p. 230), e, desde então, essa última definição se mantém, apesar de existirem diversas interpretações e opiniões de diversos teóricos e críticos para ela. Ainda, apesar de constatar a etimologia da palavra *clássico*, deve-se verificar o que remonta, na literatura, a essa ideia.

Sempre foi difícil definir, com exatidão, o que vem a ser um *clássico da literatura*. Para muitos, é um livro que foi escrito há muitos anos e, portanto, é antigo e conservador. Para outros, não passa de algo que somente pode pertencer ao mundo erudito, pois é este que o consome; portanto, uma definição mais explícita é necessária. Compagnon (2014) argumenta acerca de diversas percepções de muitos escritores sobre o *clássico* na literatura e traz o crítico literário francês Sainte-Beuve (2013) que, em 1850, opondo-se às várias ideias da época no que se refere ao que na literatura é considerado um *clássico*, escreveu um ensaio para discutir seus pensamentos a respeito deste:

Um verdadeiro clássico [...] é um autor que enriqueceu o espírito humano, que lhe aumentou realmente o tesouro, que o fez dar um passo mais, que descobriu uma verdade moral não equívoca ou redescobriu uma paixão eterna nesse coração em que tudo parecia conhecido e explorado; que transmitiu o seu pensamento, a sua observação ou a sua invenção numa forma muito variável mas ampla e grande, fina e sensível, sã e bela em si mesma; que a todos falou num estilo que é o seu e que se revela ser também o de toda a gente, num estilo novo sem neologismo, novo e antigo, facilmente contemporâneo de todas as eras (Sainte-Beuve, 2013, p. 346).

Anos mais tarde, Ítalo Calvino (2023) também procura esclarecer o que é um clássico ao trazer quatorze propostas de definição em seu livro *Por que ler os clássicos* (1991). O autor argumenta que são clássicos “aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los” (Calvino, 2023, p. 16). Ainda, em função de serem livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis, são consideradas obras de “grande literatura” (Pound, 1973, p. 32). O conteúdo de um clássico é inacabável, porque nele há abordagens sobre amor, angústia, luxúria, felicidade, entre outros sentimentos tão humanos que todos poderão sempre se identificar com as histórias. E

quando não houver identificação, poderá haver empatia, porque a literatura desperta no ser humano a solidariedade de olhar para o outro e compreender sua opinião, seu mundo.

Ainda, é importante mencionar que o termo *clássico* possui diversas vertentes, podendo ter significados e representações variadas conforme a sociedade, o tempo e o autor que o explicitou. Portanto, para compor esta pesquisa, utiliza-se o termo *clássico* explicitado por Massaud Moisés e concebido em duas vertentes: um, que diz que clássico é o livro de primeira classe, isto é, superior em qualidade artística; e o segundo, que diz ser clássico aquele livro estudado na escola, dada a sua excelência (Moisés, 1992, p. 82). Explicitado o termo *clássico*, faz-se necessário tratar como a leitura da literatura clássica colabora para a formação da pessoa, seguindo com o valor e o acesso que os clássicos têm para constituir a pessoa — dados os seus benefícios —, estes sendo melhor explorados nas seções que se seguem.

### 3 Os clássicos e a formação da pessoa: considerações teóricas e visão dos professores

Para compor as páginas desta pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores de literatura do Ensino Médio de escolas de uma cidade do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul/Brasil. As entrevistas foram executadas de forma virtual, através da plataforma Google Meet, para que se pudesse gravar as respostas e transcrevê-las posteriormente para organização do material de análise e, para que isso fosse possível, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual consta sua adesão à utilização de suas respostas de forma anônima para contemplar este trabalho, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Univates sob o número CAAE 81955824.2.0000.5310. Sete foi o número total de entrevistados, sendo três docentes de escolas da rede pública e três de escolas privadas, sendo que um destes atua em ambas as redes. Quanto ao gênero, um é homem e seis são mulheres, todos tendo graduação em Letras, além de três destes terem mestrado e outros três especialização — todos na área de Letras. A seguir, os temas principais que emergiram por efeito das entrevistas serão abordados e relacionados com a literatura clássica no Ensino Médio. As perguntas contempladas nas entrevistas são: 1) Qual a sua relação com a literatura clássica? 2) Você trabalha com literatura clássica em sala de aula? Se sim, como? Se não, por quê? 3) Para você, por que é relevante ler, por exemplo, Machado de Assis na escola? 4) Qual a importância da literatura clássica para a formação da pessoa? 5) Qual o papel da escola para a formação de leitores de literatura clássica? Em função do anonimato, os professores entrevistados foram denominados no gênero masculino, a saber *professor 1*, *professor 2*, *professor 3*, *professor 4*, *professor 5*, *professor 6* e *professor 7*. No próximo tópico serão contemplados trechos das entrevistas dos professores, em diálogo com os teóricos e críticos da literatura.

### 4 O valor e o acesso aos clássicos

No seu artigo intitulado *O Direito à Literatura*, Antonio Candido (2023) — mencionando o psicanalista Otto Ranke —, compara a literatura com o universo do sono, e diz que, assim como é necessário ao homem sonhar enquanto dorme, porque sonhando a sua psique mantém-se em equilíbrio, também é importante, para manter o



equilíbrio da sociedade, que esta seja repleta de literatura. Candido (2023, p. 208) comenta que a literatura dita como clássica não tem camada social, é, portanto, universal, só precisa chegar a todos. Nesse sentido, diz que “[os clássicos] podem redimir as distâncias impostas pela desigualdade econômica, pois têm a capacidade de interessar a todos e, portanto, devem ser levados ao maior número” (Candido, 2023, p. 206).

No entanto, os clássicos não apenas diminuem essas distâncias abordadas por Candido (2023) porque ampliam os conhecimentos históricos, geográficos, sociais, culturais, mas, também, porque proporcionam conhecimentos que vão além do concreto, chegando à matéria dos pensamentos e sentimentos. Nesse mesmo sentido comentou na entrevista o *professor 7*, quando disse que com os clássicos aprende-se a construção da língua, do senso crítico, do pensamento, além de criar-se uma construção política a partir daquilo que se lê, indo ao encontro dos comentários feitos pelo *professor 2*, o qual disse que quanto mais intimista e reflexiva é uma obra, maior é a sua capacidade de fazer com que seus leitores discutam sobre as relações humanas, podendo haver o entendimento de si e de seu lugar no mundo, porque o clássico “exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 2012, p. 82). Portanto, o subsídio que os clássicos dão para o autoconhecimento permite experimentá-lo a partir da leitura do outro: ao conhecer uma personagem, seus pensamentos e angústias, conhece-se a si mesmo, e isso é possível porque ou se compartilha de tais emoções e juízos, ou se torna empático a eles.

Na introdução deste artigo, viu-se um exemplo de como a literatura foi importante para John Stuart Mill (2018), porque foi a leitura dos poemas de Wordsworth que o ajudaram na condução à saída da depressão. Quando o autor relata esse acontecimento em sua vida, ele não comenta sobre os ensinamentos externos que a literatura lhe proporcionou, mas seus sentimentos ao ler as palavras escolhidas por Wordsworth, a estrutura destas palavras, sua fonética, rima, e o sentimento que estas expressam ao contemplar a natureza. A literatura também é isso: deleitar-se com as belezas da língua, “porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação” (Perrone-Moisés, 2006, p. 28). Nas entrevistas feitas com docentes de literatura do Ensino Médio, o *professor 5* se manifestou sobre esse tema ao dizer que: “o ser humano tenta há muito tempo conseguir se expressar na linguagem verbal da maior qualidade possível [...] e essa tentativa só se encontra nos autores”, e, por consequência, comenta que sempre dialoga com seus estudantes a respeito da importância de ler os clássicos porque estes possuem uma linguagem que os desafiará, ampliando seu vocabulário em comparação ao que já conhecem e estão acostumados.

Logo, quando se fala da capacidade da literatura em formar uma pessoa, está se falando que ela pode compor o conhecimento do sujeito acerca da cultura de um povo num tempo — porque a literatura também promove conhecimentos concretos sobre diversas áreas —, mas, também, pode compor seu interior, no sentido de fazer constatar e compreender diferentes noções de si e do outro. A literatura clássica tenciona o desenvolvimento desses conhecimentos, porque o leitor

[...] lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, [...] mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo (Todorov, 2021, p. 33).

Ainda, é importante lembrar que a literatura não salvará ninguém. Seu poder está exatamente em tornar o ser humano mais crítico e tolerante com o mundo e consigo, até porque a literatura, assim como qualquer arte, “não tem a serventia que muitas vezes a sociedade procura, que é o utilitarismo” (*professor 7*). Uma passagem de *O cânone ocidental* (1994), de Harold Bloom, fala sobre isso, quando o autor traz a personagem Hamlet, e diz: “Shakespeare não nos tornará melhores, nem piores, mas pode ensinar-nos a entreouvir-nos quando falamos a nós mesmos. Posteriormente, pode ensinar-nos a aceitar a mudança, em nós mesmos e nos outros, e talvez até a forma final de mudança” (Bloom, 1995, p. 38).

Nessa perspectiva, em referência a Sartre e sua formação como leitor, que iniciou muito cedo, logo na infância, o autor relata em seu livro<sup>5</sup> que, mesmo antes de ler, a biblioteca de seu avô era como um campo de exploração, na qual ele rondava por horas, percorrendo tudo o que podia, querendo ler tudo o que via. A infância de Sartre foi recheada de grandes obras da literatura que, mesmo antes de ler e assim que o soube fazer, invadiram sua mente e o tornaram quem foi. A infância curiosa com as histórias – possivelmente despertada pelas leituras que sua mãe realizava em voz alta – foi a provável disparadora de seu interesse pelos livros que o entornaram ao longo de toda sua vida. Ler os clássicos na infância e na adolescência, portanto, pode ser a grande chave que faz a criança e o adolescente, ao crescerem, tornarem-se leitores vorazes, repletos de todas as qualidades apontadas acima: ser crítico, empático, solidário, entender questões sociais e históricas e entender o outro e a si mesmo.

Assim sendo, é importante que o público jovem seja introduzido no mundo da literatura clássica desde cedo, porque, apesar de serem consideradas leituras mais complexas, “não é preciso proibir a ninguém essa exploração de um território cheio de desafios e obstáculos” (Machado, 2009, p. 13). Como o *professor 7* relata, mesmo que o estudante não tenha compreendido muito bem a obra, quando há o debate e ele participa fazendo algum comentário sobre o livro lido, então a literatura já o atingiu, “mesmo que ele não perceba isso diretamente, ele construiu algo” (*professor 7*). No entanto, no caso de Sartre, uma grande impulsionadora para sua formação literária foi sua mãe, que lia e contava histórias. Porém, sabe-se que o contato em casa com os livros não é a realidade da maioria das famílias, especialmente em países subdesenvolvidos como o Brasil, onde a leitura não é uma prioridade.

A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, revelou, em sua última edição (2024), que 57% dos pais, ou outros responsáveis, dentre os leitores e não-leitores, não costumam ler para seus filhos, estimulando, assim, a leitura desde cedo — já que é confirmado que crianças que crescem em um ambiente no qual os pais são leitores apresentam um melhor desempenho de leitura (Moraes, 2013, p. 1), porque o meio em que elas estão inseridas estimula, ou não, seu desenvolvimento cognitivo<sup>6</sup>. É, pois, notável que parte significativa da população brasileira não tenha acesso à leitura em casa, tampouco à cultura da literatura. Apesar de as escolas também não abarcarem parte significativa das crianças e adolescentes, porque, segundo pesquisa de 2023 do Ipec (Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica) para a UNESCO, o Brasil tem dois milhões (48%) de crianças e adolescentes fora da escola, ainda assim, ela é a maior responsável por promover a cultura literária, formando leitores de

---

<sup>5</sup> *As palavras* (1964), mencionada na introdução.

<sup>6</sup> A área que trabalha com questões acerca da cognição e de como a leitura funciona no cérebro é a neurolinguística. Como esse assunto é extenso, não será abordado aqui, pois não se trata do tema deste trabalho. No entanto, para entender como essas questões se dão, sugere-se a leitura do livro *Os Neurônios da Leitura* (2011), de Stanislas Dehaene.

literatura, em razão de ser a que alcança maior número de jovens neste país: “é a gente [os professores] que tem que criar isso neles; se a gente não fizer isso, quem vai fazer?” (*professor 3*). Já que a escola é o principal meio para introduzir o seu público à literatura, é necessário, a esta altura, entender a importância da leitura literária dos clássicos no Ensino Médio.

## 5 A importância da leitura dos clássicos durante o Ensino Médio

Durante os anos 1912 e 1928, Alfred North Whitehead proferiu uma série de palestras sobre os objetivos da educação, as quais foram transcritas para um livro<sup>7</sup>. Convém chamar atenção para uma palestra específica, denominada *O lugar dos clássicos na educação*. Nesta, além de falar dos inúmeros problemas alavancados pela escassez de um bom tratamento da literatura clássica em sala de aula, o autor também destaca a importância da permanência dos clássicos no ensino, sendo relevante serem lidos e explorados, porque, segundo ele,

os clássicos só podem ser defendidos com o fundamento de que dentro desse período [o de ensino na escola]<sup>8</sup>, e compartilhando esse período com outras disciplinas, eles podem produzir um enriquecimento necessário do caráter intelectual mais rápido do que qualquer disciplina alternativa dirigida ao mesmo objetivo (Whitehead, 2021, p. 73).

Que a literatura clássica é importante para formar uma pessoa — dadas as aprendizagens que se pode atingir em virtude de sua leitura — já está dito, e isso parece ser o suficiente para mantê-la em sala de aula, ao alcance da maioria<sup>9</sup>. Entretanto, faz-se necessária a compreensão de como ela deve ser explorada pelo professor de literatura do Ensino Médio, ou seja, na escola de educação básica, que é o espaço onde os alunos terão acesso e contato mais efetivo e qualificado com a literatura.

Primeiramente, deve-se salientar que todos os professores entrevistados comentaram que trabalham com a literatura clássica em sala de aula. No entanto, nem todos possuem êxito ao fazê-lo: “Tem aquilo da linguagem mais difícil, que então não atrai. Os livros que não entendem eles já não têm aquela vontade de ler, e já param no início” (*professor 1*). Esse mesmo professor comenta que só tem um período (quarenta e cinco minutos) na semana para dar aula de literatura, e que, por isso, o incentivo à leitura é ignorado: “Eu acho que precisa ter o interesse do aluno, é preciso ter essa vontade dele. [...] eles não leem” (*professor 1*). Apesar da complicação em trabalhar com qualquer área do conhecimento dentro de um tempo significativamente restrito, não é apenas dever do aluno ter o interesse, mas também é imprescindível que os professores de literatura tenham uma ótima relação com essa área do conhecimento, especialmente com os clássicos.

Na mesma edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2024), mencionada anteriormente<sup>10</sup>, foi constatado que o segundo maior influenciador à leitura — nos

---

<sup>7</sup> *Os objetivos da educação e outros ensaios* (1929).

<sup>8</sup> Importante destacar que o período de ensino a que Whitehead se refere é condizente a cinco anos. É preciso salientar, então, que essa pesquisa leva em consideração os três anos que compõem o Ensino Médio.

<sup>9</sup> Optou-se por esta nomenclatura dadas as informações na seção anterior, que indicam que a escola não contempla todos os jovens deste país.

<sup>10</sup> Ver página 11.



últimos quatro anos — é o professor, totalizando em 8% a porcentagem de pessoas, que foram influenciadas por estes a gostarem de ler, tornando evidente sua importância<sup>11</sup> à formação de leitores de literatura neste país. No entanto, apesar da clara relevância, há professores que não buscam realizar nenhuma leitura, focando apenas nas citações postas nos livros didáticos (Yunes, 2017, p. 3). Nesta perspectiva, o *professor 3* relata: “é fundamental que tenham professores preparados. Infelizmente existem muitos professores formados em Letras que tem aversão a livros, e também tem muitos que, quando percebem a dificuldade de fazer com que o aluno leia, acabam desistindo”.

Ao mencionar um episódio específico de sua vida estudantil, o *professor 3* conta que foi o poema *Tabacaria* (1928), de Fernando Pessoa, apresentado em aula por uma professora do Ensino Médio, que o fez se deslumbrar pela literatura. Ele diz: “Eu me senti tão acolhido por aquelas palavras que eu cheguei em casa e pesquisei o poema inteiro, imprimir e tenho guardado até hoje, de tão importante que ele é para mim. É a minha maior relíquia” (*professor 3*). Este professor consegue, para além de outras razões, influenciar seus alunos a ler porque é apaixonado por literatura e porque fala de modo apaixonado sobre; da mesma forma que sua professora também o fez, influenciando-o a se interessar pelo poema. O *professor 6* comenta não ter a menor dúvida quanto à importância de o professor de literatura admirar essa área, porque “se eu não gostar de literatura, eu até posso ser um professor de literatura, mas eu acho que eu vou ser um professor medíocre, eu não vou encantar”. Até porque, “alguém que fala positivamente sobre algo, de alguma maneira nos ‘puxa’ um pouco” (*professor 2*), sendo, portanto, “imprescindível ser um professor-leitor para orientar crianças e jovens a encontrar seu caminho no mundo da leitura, o educador necessita descobrir sua própria conexão entre o mundo e a literatura” (Feijó, 2010, p. 157 *apud* Souto, 2021, p. 14).

Em outras palavras, o professor deve ser o intermediário entre o aluno e o livro (Cosson, 2022, p. 32), porque para se ter um bom desempenho de leitura é preciso ensinar os estudantes a ler, além de acompanhá-los no processo da leitura, optando por bons livros. A maioria dos entrevistados comenta que, como não é possível trabalhar com todas as obras que gostariam, é preciso selecionar algumas. O *professor 2* relata seu critério de seleção das obras, dizendo que uma de suas preocupações constantes tem sido o seguinte questionamento: “o que faz com que o meu aluno desista de ler o livro clássico?”, e, a partir disso, opta por escolher clássicos que, conforme sua opinião, tenham uma história e uma temática atrativas aos adolescentes, mas nunca deixando de lado obras importantes à formação destes. Aliás, o *professor 3* comenta que conversa muito com seus estudantes sobre a compreensão da obra e se gostaram da leitura do livro, e, caso a resposta seja negativa, pede a justificativa. Ele diz: “Tiveram muitos textos que eu levei e que eles detestaram. E a gente trabalhou em cima disso. ‘Por que vocês não gostaram? O que tem nisso que não chamou a atenção de vocês? É a linguagem? É o conteúdo? O que é?’ E a gente consegue tirar muita coisa boa”. Portanto, conversar com os estudantes sobre seus gostos literários não implica seguir o caminho mais confortável para eles, mas, sim, compreender o repertório de leituras já estabelecido, para que se trabalhe no aprofundamento e expansão de seus conhecimentos.

Assim sendo, os docentes devem tentar a todo tempo responder à questão: “quais livros são adequados?”. A resposta a essa pergunta não está numa lista de

<sup>11</sup> A porcentagem de professores que influenciaram as pessoas a ler parece pouca, dado que contabiliza em 8%. No entanto, as porcentagens de outros influenciadores foram inferiores a essa, sendo a influência de alguma responsável do sexo feminino a única superior à do professor, contabilizando em 9%.

leituras possíveis ou pré-estabelecidas por editoras, vestibulares ou pela mídia, mas na capacidade de o professor equilibrar o repertório de leitura do estudante: o que ele já leu e é acessível a ele, e o que ele precisa ler, por ser importante para sua formação pessoal. Assim disserta Perrone-Moisés (2006, p. 22): “[...] o professor de literatura no secundário deve dosar a sua oferta de leitura, de modo que ela seja acessível para o aluno, mas nunca transgredir em matéria de qualidade”.

Junto disso, é preciso entender que o meio ao qual o estudante pertence não o impede de compreender textos clássicos, tidos como complexos, porque um dos maiores respeito que o professor pode ter com seus alunos reside na tentativa de desafiá-los e estimulá-los a expandir seus conhecimentos, dado que “qualquer que seja a extração social do aluno, sua inteligência lhe permite a aprendizagem da leitura literária” (Perrone-Moisés, 2006, p. 28). No entanto, para que essa aprendizagem ocorra é preciso que os livros cheguem até os alunos, é preciso que estes tenham acesso à instrução, porque “quando se vive em bairros pobres na periferia da cidade, ou no campo, os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo. Estão separados deles por fronteiras, visíveis ou invisíveis” (Petit, 2021, p. 24).

Seguindo nesse sentido, o *professor 3*, que leciona em um bairro periférico, cuja biblioteca da escola estadual se encontra inacessível aos alunos, relata que nunca removeria a literatura clássica do ensino porque, apesar de ser considerada complexa, literatura é cultura e “cultura é um direito [...] e meus alunos têm esse direito. [...] por mais que seja difícil para eles, eles têm o direito de ter esse contato. Eu acho que negar isso para eles, por mais que eles não gostem [dos livros] nesse momento, é um crime”. Esse professor introduz a leitura literária em sua escola a partir da leitura oral de contos, crônicas, poemas e outros textos mais curtos, até mesmo excertos dos romances, porque, segundo ele, é importante levar pelo menos um trecho “para introduzir aos poucos para uma cultura em que isso não é normal, porque é muito difícil a questão da leitura aqui no bairro” (*professor 3*).

Dois dos sete professores entrevistados optam por textos mais curtos para introduzir o hábito da leitura literária, mas quatro professores preferem os romances, sendo estes docentes os mesmos que optam pela leitura das obras na íntegra. Outros dois professores preferem adaptações — dos próprios livros ou, então, filmes que foram baseados nas obras —, ou porque consideram a leitura da obra original muito difícil, com uma linguagem muito rebuscada e longa, ou porque acreditam que a literatura possa ser pensada também através de outras artes, como o cinema e o teatro, até porque “a adaptação é uma forma de garantir a incorporação desse repertório [de outras artes] no horizonte de leitura de crianças e jovens” (Carvalho, 2011, p. 158). O *professor 7*, que utiliza adaptações, comenta que “se o meu estudante gostar, ele vai atrás de ler outras versões, a original. O importante é que eles conheçam a história, que eles naveguem dentro desse universo clássico [...]. Eu tenho uma chance com eles. Se eles decidirem que eles não vão ler, eles não vão ler”. Em concordância, a BNCC indica que

por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário de ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes (Brasil, 2018, p. 491).

Dessa forma, a partir do depoimento do *professor 7*, das considerações da crítica e dos apontamentos da BNCC, pode-se inferir que, a depender da realidade dos educandos, as adaptações podem ser utilizadas, mas não como o único meio possível de

se ler e de se apropriar da leitura literária. Os professores podem, então, utilizar adaptações para encaminhar e preparar os alunos para a leitura de textos clássicos de forma integral, apesar de serem considerados difíceis por muitos, pois é “exatamente por ser complexo [o clássico], [que] a leitura do texto literário exige uma aprendizagem que deve ser iniciada na juventude” (Perrone-Moisés, 2006, p. 28).

Ainda, a análise em sala de aula sobre as obras lidas, apesar de poder ser realizada sozinha, isto é, com as percepções de mundo do leitor que dialogam com as ideias do autor do livro lido, pode ser realizada de forma coletiva através de debates, sendo estes importantes porque a análise mostra-se mais rica quando compartilhada com aqueles que também executaram a leitura. Neste sentido, o *professor 2* comenta: “o clássico é bacana quando tu começa a entender o valor dele, mas ele se torna realmente especial quando tu tem pessoas com quem compartilhar e conversar sobre”, e é justamente esse compartilhamento que torna mais potente o entendimento da obra literária. Em função disso, a maioria dos professores entrevistados comenta que promove debates justamente para aproximar os alunos da obra, dado que “é normalmente nesses momentos que eles passam a gostar do livro” (*professor 5*), e é durante os debates que os alunos apresentam suas ideias e percepções das obras, em função de que “eles vão trazendo também aquilo que não estão entendendo” (*professor 3*). Apesar de o professor ser o principal mediador entre o aluno e o livro (Cosson, 2022, p. 32), a instituição escolar também se apresenta como influente na prática da literatura, como é discutido na seção seguinte.

## 6 O papel da escola para a formação de leitores de literatura clássica

A escola é, para grande parte da população, o único lugar possível para ter acesso à cultura, “visto que as famílias cada vez mais delegam esta função a ela” (Rio Grande do Sul, 2020, p. 147). Assim como comenta o *professor 7*, “é muito importante que eu, como professor, tente proporcionar, dentro das minhas possibilidades, dentro daquilo que eu consigo, o máximo de cultura para eles, porque talvez essa seja a única oportunidade que eles vão ter”, e, portanto, abdicar do acesso à cultura — aqui a cultura da literatura — é renunciar e empobrecer o indivíduo e o acesso à herança que se tem da sociedade em que se está, porque “os clássicos formam parte de nosso patrimônio cultural, nos enriquecem como pessoa, proporcionando uma série de referências indispensáveis para a compreensão da nossa herança” (Souto, 2021, p. 82).

É fundamental que a escola tenha como um de seus pilares da formação educacional a leitura, porque, em geral, ou o professor é desmotivado a exercer a atividade da leitura — depois de muito tempo tentando — por meio dos próprios alunos que não demonstram certo interesse, ou porque o docente está desiludido sobre o que a literatura pode proporcionar aos seus alunos, sendo indiferente a ela. Nas entrevistas realizadas, constatarem-se ambos os casos. Um dos professores demonstrou estar desesperançado em relação à formação de leitores na escola. Ele diz: “não estamos nem conseguindo tirar da sala [...] porque a maioria das turmas bagunçam, conversam”, e “precisa ter o interesse do aluno, ter essa vontade de ler” (*professor 1*). Não há como negar que há muitos problemas nas escolas que podem desestimular o professor a trabalhar de modo efetivo com a literatura: além da questão comportamental, como mencionado pelo *professor 1*, ainda há a problemática estrutural — dos sete professores entrevistados, três lecionam em escolas cujas bibliotecas estão fechadas.

Todavia, há o professor que, apesar das dificuldades encontradas em sala de aula, dado o contexto em que este está inserido, encontrou no apoio da coordenação

pedagógica da escola onde leciona um impulso para seguir realizando seu trabalho, porque, segundo ele, a equipe diretiva comenta: “Não desiste, teu trabalho é bom, está funcionando, daqui um tempo tu vai ver” (*professor 3*). Esse depoimento mostra que a gestão de uma escola é fundamental para impulsionar os professores, especialmente quando esta tem o interesse em formar leitores: “se eu não tivesse esse apoio da escola, se a escola não tivesse esse foco em transformar os nossos alunos em leitores, eu acho que eu, pessoalmente, já teria desistido” (*professor 3*).

Também é importante comentar sobre o apoio dado pela coordenação da instituição onde o *professor 4* leciona, que o ajuda na compra de livros para a biblioteca. Ele comenta que sempre visita, com sua turma, a Feira do Livro de Porto Alegre e lá compra livros para compor a biblioteca escolar, sendo a quantia monetária para compra destes disponibilizada pelo diretor da escola que, segundo ele, “é bem acessível” (*professor 4*). Além do mais, ações como esta da visita à feira do livro, idas ao teatro, participações em festivais de cinema em que os alunos apresentam seus curtas-metragens adaptados de textos literários, além de outras atividades culturais, são bastante eficientes para manter os alunos em contato com a cultura da literatura, mostrando que os livros estão para além da sala de aula. É importante que a escola faça projetos, mas “que tenham profundidade, que eles sejam bem pensados, que tenham um objetivo lá na frente” (*professor 3*).

Tais projetos devem ser, também, responsáveis por desenvolver no aluno o entendimento de que não se lê na escola porque os livros são somente objetos de estudo e instrumentos de avaliação, mas porque ela é o melhor lugar para apresentá-los a essa cultura, e fazê-los ver que a leitura se mostra para além das paredes da sala de aula. É importante que sejam projetos que exercitem nos estudantes a compreensão de que conhecer e entender a cultura é conhecer e entender o mundo, já que “os benefícios das atividades culturais em termos de conhecimento são raramente considerados por eles como prioritários [porque eles] questionam o vínculo estabelecido no campo escolar entre cultura e saber” (Sylvie, s/a, p. 215 *apud* Petit, 2023, p. 181).

## 7 Considerações finais

Este trabalho, que tem como tema “a importância da leitura literária de clássicos na escola para a formação da pessoa sob a perspectiva dos professores”, consolidou-se através de sete entrevistas semiestruturadas com professores de literatura do Ensino Médio de escolas de uma cidade do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul/Brasil. Para dialogar com as entrevistas, foram selecionados teóricos, críticos e documentos educacionais legais que versam sobre o assunto, sendo o principal objetivo do trabalho analisar a percepção dos docentes de literatura do Ensino Médio acerca da importância da leitura literária de clássicos na escola para a formação da pessoa.

Respondendo à pergunta-problema “qual a importância da leitura literária de clássicos na escola para a formação da pessoa sob a perspectiva dos professores?”, que impulsionou essa pesquisa, todos os professores entrevistados comentaram sobre a importância de se ler os clássicos, porque eles colaboram para a formação pessoal de cada um. Todos compartilham da ideia de que os clássicos tornam o ser humano mais crítico, criativo, comunicativo e mais sensível, conseguindo se colocar no mundo e olhar para o outro: “é isso [a leitura] que te torna mais inteligente, que te torna uma pessoa que consegue argumentar, que te coloca no mundo para ter oportunidades melhores” (*professor 7*). Assim também comenta Candido (2023, p. 196) quando diz que a literatura “nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o

semelhante”. No entanto, construir o hábito da leitura no aluno não é tarefa fácil, e isso foi comprovado ao longo das entrevistas. Então, se os docentes entrevistados sabem sobre a importância da leitura da literatura clássica, o que impede ela de ser trabalhada de forma efetiva em sala de aula para que, a partir deste trabalho, ela forme cada pessoa?

Os professores entrevistados comentam que trabalham com a literatura clássica em sala de aula, cada um à sua maneira, sempre incentivando, como podem, a cultura da literatura. A maioria dos docentes comentou realizar debates sobre o livro lido porque entendem que, quando conversam sobre o que leem, os estudantes compreendem melhor o texto e se apropriam dele, resultando no letramento literário (Cosson, 2022, p. 104). No entanto, ao longo da pesquisa foi constatado que algumas situações vão contra um bom trabalho com a literatura em sala de aula, sendo as principais observadas: o ambiente em que se está inserido e o desinteresse dos alunos.

A iniciar pelo ambiente, não há somente o caso de vários estudantes morarem em bairros periféricos e conviverem diariamente com situações delicadas em suas moradias, com suas famílias, mas, também, o fato de que diversas bibliotecas de escolas estaduais estão fechadas<sup>12</sup>, não proporcionando o acesso desse espaço aos estudantes. Os professores entrevistados que lecionam em escolas estaduais mostram-se bastante preocupados com a falta dessa aproximação com os livros. Devido a essa situação, o *professor 7* comenta: “O que eu faço como professor é abrir a biblioteca e anotar num caderno os livros retirados”, e também conta que, por lecionar em ambas as redes — pública e privada —, quando possível pega os livros da biblioteca da escola privada e os empresta para os estudantes da pública estadual, que então não tem acesso. Apesar desse professor conseguir realizar esse movimento, a falta do convívio com o ambiente onde os livros estão dispostos, de poder pegá-los, folheá-los, ler sua síntese, escolher a edição para realizar a leitura, passar os olhos pelos escritos, faz com que os livros fiquem apartados dos alunos; há algo de distante e inalcançável que torna o contato com a literatura cada vez mais complicado. E nisso talvez esteja ancorada a ideia do desinteresse do aluno pelos livros.

Seguindo nesse sentido, foi constatado também que não somente o aluno da escola pública tem dificuldades de se interessar pelos clássicos, devido, por exemplo, às bibliotecas estarem fechadas, mas o aluno da privada igualmente; porém, por outros fatores. Apesar de em ambas as redes os professores comentarem que observam que uma das grandes dificuldades dos estudantes é a linguagem de muitos clássicos da literatura, há também o que o *professor 2* comenta acontecer na escola de rede privada que leciona: os alunos não leem as obras demandadas porque alegam terem muitas avaliações, trabalhos e compromissos extras “e aí a leitura sempre acaba sendo jogada para escanteio” (*professor 2*). Nesse caso, o problema que colabora para o desinteresse dos alunos é a quantidade de itinerários que eles têm, devido ao Novo Ensino Médio, que apresenta uma carga horária enorme, deixando os alunos exaustos, sem capacidade de haver interesse em realizar qualquer leitura. Junto disso está a desesperança dos professores em cativar os alunos à cultura da literatura, visto que, como comenta o *professor 1*, “a gente não consegue mais muito e não sabemos o que fazer [...] a leitura propriamente não existe mais”. A essa situação, pode-se vincular a falta de incentivo da escola que o *professor 1* leciona: falta de “projetos bem pensados” (*professor 3*) e a descrença de que a literatura também educa.

<sup>12</sup> Como divulgado em notícia: *Exposição denuncia sucateamento das bibliotecas de escolas estaduais no RS* (Sul 21, 2022), presente nas referências deste trabalho.



Além de todos esses fatores elencados, a BNCC não tem mais a literatura como uma disciplina (Brasil, 2018, p. 474), mas um elemento pertencente ao componente de Língua Portuguesa, mostrando a indiferença por parte dos governantes em relação a ela. Um palpite para tal decisão governamental seria o de que muitos acreditam que ela não serve para grandes feitos, porque se se tentar encontrar na literatura sua função, os resultados serão falhos, visto que, como já comentado<sup>13</sup>, ela não tem o utilitarismo esperado pela sociedade (*professor 7*). Mas então, qual é sua importância?

Há uma fábula sobre Sócrates, atribuída a vários escritores, que conta que o filósofo, momentos antes de morrer envenenado por uma cicuta, aprendia uma ária com sua flauta; questionaram-no para que serviria tal aprendizado, ao que ele responde que serve para aprender antes de morrer. Da mesma forma é a literatura: talvez ela não seja relevante à vida humana, porque não é necessária à respiração, à alimentação e a outros elementos vitais, indispensáveis à sobrevivência, mas, no mínimo, ajuda a viver melhor (Todorov, 2009, p. 94), e é porque colabora com a formação de todas as qualidades abordadas ao longo desta pesquisa, que em nenhum sentido é inútil.

## Referências

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 22 mai. 2024.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 20 jun. 2024.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

CARVALHO, Diógenes B. A. de. **Quando se adapta uma obra literária para crianças e jovens, que gênero textual é adaptado?** In: **Conjectura**. Caxias do Sul, v. 16, n. 2, maio/ago. 2011

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

---

<sup>13</sup> Ver página 10.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2019.

LEOPARDI, Maria T. **Metodologia da pesquisa na saúde**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

MACHADO, Ana M. **Como e Por Que Ler os Clássicos Universais desde Cedo**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MILL, John S. **Autobiografia**. Lisboa: Grupo Almedina, Edições 70, 2018.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 1992.

MORAIS, José. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri: Manole, 2013.

Naquela mesa está faltando ele: Brasil tem dois milhões de crianças e adolescentes fora da escola. **O Globo**, Rio de Janeiro, 8 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/10/08/naquela-mesa-esta-faltando-el-e-brasil-tem-dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2024.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos**. Literatura e Sociedade, São Paulo, dez. 2006 v. 11, nº. 9, pp. 16-29. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709>. Acesso em: 15 mai. 2024.

PETIT, Michèle. **Ler o Mundo**. São Paulo: Editora 34, 2019.

POUND, Ezra. **Abc da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1998.

Retratos da Leitura no Brasil. Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

Rio Grande do Sul. **Referencial Curricular Gaúcho**. Secretaria Estadual da Educação, Porto Alegre, 2020. Disponível em: [https://ensinomediogaucho.educacao.rs.gov.br/doctos/RCGEM\\_Jul\\_22.pdf](https://ensinomediogaucho.educacao.rs.gov.br/doctos/RCGEM_Jul_22.pdf). Acesso em: 22 mai. 2024.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. **O que é um clássico?** Tradução de Osvaldo Manuel Silvestre. Coimbra: Revista de Estudos Literários, 2013, n. 3, pp. 343-358. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/41037>. Acesso em: 25 mai. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. **As Palavras**. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2018.

SOUTO, Helena de O. **Leitura de Clássicos na Escola: entre o dever e o prazer**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, p. 239. 2021. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL\\_2debb78137d1bc0de8572523e87a3788](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_2debb78137d1bc0de8572523e87a3788).

Acesso em: 07 mai. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 13. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2021.

VELLEDA, Luciano. Exposição denuncia sucateamento das bibliotecas de escolas estaduais no RS. **Sul 21**, Porto Alegre, 19 mai. 2022. Educação. Disponível em: <https://sul21.com.br/noticias/educacao/2022/05/exposicao-denuncia-sucateamento-das-bibliotecas-de-escolas-estaduais-no-rs/>. Acesso em: 02 dez. 2024.

WHITEHEAD, Alfred N. **Os objetivos da educação e outros ensaios**. Campinas: Kírion, 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YUNES, Emília. **Professor leitor: uma aprendizagem e seus prazeres**. Curitiba: Hum Publicações, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. rev. atual e ampla. São Paulo: Global, 2003.